

# 1

Isma ia perder o avião. Não teria direito ao reembolso do bilhete porque a companhia aérea não se responsabilizava por passageiros que chegavam ao aeroporto três horas antes da hora de partida e depois eram acompanhados a uma sala de interrogatório. Já contava com o interrogatório, mas não estava preparada para as horas de espera antes nem para sentir tanta humilhação quando o conteúdo da mala foi inspecionado. Tivera o cuidado de não meter na mala nada que suscitasse comentários ou perguntas — o Corão, fotografias da família, livros da sua área de interesse acadêmico —, mas, mesmo assim, a funcionária pegou em todas as peças de roupa dela, fazendo-as passar entre o polegar e os outros dedos, menos para procurar compartimentos escondidos do que para avaliar a qualidade do tecido. Por último, pegou no casaco de penas de marca que Isma pousara, dobrado, sobre uma cadeira, ao entrar, e levantou-o, uma mão puxando por cada ombro.

“Isto não é seu”, disse ela, e Isma teve a certeza de que ela não tinha dito aquilo *pelo facto de ser pelo menos um tamanho acima*, mas sim por *ter demasiada qualidade para pertencer a alguém como ela*.

“Trabalhei numa lavandaria. A senhora que o trouxe disse que não o queria quando verificou que não conseguíamos limpar a nódoa.” Apontou para a nódoa de gordura no bolso.

“O gerente sabe que ficou com ele?”

“Eu era a gerente.”

“Era gerente de uma lavandaria e agora vai frequentar um programa de doutoramento em sociologia em Amherst, Massachusetts?”

“Sim.”

“E como é que isso aconteceu?”

“Os meus irmãos e eu ficámos órfãos logo que acabei a universidade. Tinham doze anos — gémeos. Aceitei o primeiro emprego que arranjei. Agora já estão crescidos; posso retomar a minha vida.”

“Vai retomar a sua vida... em Amherst, Massachusetts.”

“Refiro-me à vida académica. A minha antiga orientadora na LSE<sup>1</sup> agora dá aulas em Amherst, na universidade de lá. Chama-se Hira Shah. Pode ligar-lhe. Vou ficar em casa dela quando chegar, até arranjar alojamento.

“Em Amherst.”

“Não. Não sei. Desculpe, está a falar do sítio onde ela vive ou daquele onde vou morar? Ela vive em Northampton — fica perto de Amherst. Vou ver se encontro alguma coisa que me agrade na zona. Pode ser em Amherst ou não. Tenho listas de agências imobiliárias no telefone. Que você tem aí.” Obrigou-se a parar. A funcionária adotava um comportamento que Isma já antes vira em funcionários de segurança — ficar calado depois de o interrogado ter dado uma resposta direta à pergunta, o que o levava a pensar que tinha de dizer mais. E quanto mais se dizia, mais culpado se parecia.

A mulher largou o casaco de Isma no monte de roupas e sapatos e mandou-a esperar.

Isso fora há algum tempo. O embarque para o avião já devia estar a decorrer. Isma olhou para a mala. Voltara a arrumar as coisas lá dentro depois de a mulher sair da sala, mas perguntava-se se ter feito isso sem autorização teria sido uma infração. Seria preferível despejar as roupas numa pilha desordenada, não iria piorar a situação? Levantou-se, puxou o fecho da mala e abriu-a de modo a expor o conteúdo.

Um homem entrou no gabinete, trazendo o passaporte, o portátil e o telefone de Isma. Ela permitiu-se ter esperança, mas ele sentou-se, mandou-a fazer o mesmo com um gesto e pousou um gravador entre ambos.

“Considera-se britânica?”, perguntou o homem.

“Sou britânica.”

“Mas considera-se britânica?”

“Toda a vida vivi aqui.” Com isto queria dizer que não havia outro país no mundo de que sentisse que fazia parte, mas as palavras soaram evasivas.

O interrogatório continuou durante quase duas horas. Ele queria saber o que Isma pensava sobre os xiitas, os homossexuais, a rainha, a democracia, o programa *Great British Bake Off*, a invasão do Iraque, Israel, bombistas suicidas, sites de encontros amorosos. Depois do deslize inicial sobre ser britânica, Isma adotou a atitude ensaiada com Aneeka, que desempenhara o papel de interrogador, enquanto ela própria lhe respondia como se fosse uma cliente com pontos de vista políticos duvidosos que Isma não queria perder, evitando defender a posição oposta, mas sem achar necessário mentir. “Quando as pessoas falam da hostilidade entre xiitas e sunitas, geralmente a conversa gira em torno de algum desequilíbrio político de poder, como no Iraque ou na Síria — sendo britânica, não distingo os muçulmanos.” “Ocupar o território de outro povo geralmente causa mais problemas do que resolve” — isto servia tanto para o Iraque como para Israel. “Matar civis é pecado — isto é válido independentemente de a morte ser causada por bombistas suicidas, bombardeamentos aéreos ou ataques de drones.” Houve intervalos longos de silêncio entre cada resposta e a pergunta seguinte, enquanto o homem clicava no portátil dela, analisando o histórico das pesquisas. Descobriu que ela tinha verificado o estado civil de um ator de uma série de televisão popular; que usar *hijab* não a impedia de comprar produtos caros para domesticar o cabelo frisado; que ela pesquisara “como fazer conversa de ocasião com americanos”.

“Sabes que não tens de ser tão moderada em relação a tudo”, comentara Aneeka durante o ensaio. A irmã de Isma, quase com dezanove anos, com cabeça de estudante de Direito, sabia tudo sobre os seus próprios direitos, mas nada sobre a fragilidade do seu lugar no mundo. “Por exemplo, se te fizerem perguntas sobre a rainha, limita-te a dizer: “Enquanto asiática, tenho de admirar as cores com que se veste.” É importante mostrar pelo menos um pouquinho de desprezo por todo o processo.” Em vez disso, Isma tinha respondido: “Admiro muito o empenho com que Sua Majestade cumpre a sua função.” Mas sentira o consolo de ouvir interiormente as respostas alternativas da irmã, um *Ah!* de triunfo quando o funcionário lhe

fazia uma pergunta que ela previra e Isma desvalorizara, como aquela sobre o *Great British Bake Off*. Bem, se não a deixassem embarcar neste avião — nem em mais nenhum outro depois —, regressaria a casa, para ficar com Aneeka, algo que o coração de Isma de qualquer modo já sabia que devia fazer. Quanto do coração de Aneeka desejava essa solução era uma pergunta de resposta difícil — ela insistira muito com Isma para não mudar de planos e ir para a América, mas se o fizera por altruísmo ou por desejar ficar sozinha era algo que a própria Aneeka parecia não saber. Um tremeluzir no cérebro de Isma sinalizou um pensamento sobre Parvaiz tentando chegar à superfície, antes de ser submergido pela sua recusa de voltar a pensar nele.

Por fim, a porta voltou a abrir-se e a funcionária entrou. Talvez fosse ela a encarregada de lhe fazer perguntas sobre a família — as mais difíceis de responder, as mais perigosas, quando praticara com a irmã.

“Peço desculpa”, disse a mulher, de modo pouco convincente. “Tive de esperar que a América acordasse para confirmar alguns pormenores sobre o seu visto de estudante. Está tudo certo. Aqui tem.” Entregou a Isma um retângulo de papel rígido, com ar magnânimo. Era o cartão de embarque para o avião que já perdera.

Isma levantou-se com alguma dificuldade, por ter os pés dormentes, que não se atvera a sacudir por medo de dar acidentalmente um pontapé ao homem à sua frente na secretária. Transportando a bagagem para fora, agradeceu à mulher que lhe deixara dedadas na roupa interior, sem permitir que sequer um tom de sarcasmo lhe entrasse na voz.

\*

O frio mordida cada zona de pele exposta antes de penetrar pelas camadas de roupa. Isma abriu a boca e inclinou a cabeça para trás, inspirando o ar que lhe entorpecia os lábios e fazia doer os dentes. Havia neve incrustada por todo o lado, cintilando sob as luzes do terminal. Deixando a mala com a Dr.<sup>a</sup> Hira Shah, que fizera uma viagem de carro de duas horas, atravessando o Massachusetts, para a vir buscar ao aeroporto de Logan, dirigiu-se a um monte de neve na borda do parque de estacionamento, tirou as luvas e pressionou-o com as

pontas dos dedos. Inicialmente a superfície resistiu, mas depois cedeu, e os dedos dela enterraram-se nas camadas mais macias por baixo. Lambeu a neve da palma da mão, aliviando a secura da boca. A mulher no serviço de apoio ao cliente em Heathrow — uma muçulmana — arranjara-lhe um lugar no voo seguinte, sem tarifa adicional; passara a viagem toda a pensar com preocupação no interrogatório que a esperava em Boston, com a certeza de que seria detida ou recambiada para Londres noutro avião. Mas o funcionário dos serviços de imigração só lhe perguntara onde ia estudar, comentara qualquer coisa que lhe tinha escapado, tentara parecer interessado na equipa de basquetebol da universidade, depois mandara-a passar com um aceno. E a seguir, na zona de chegadas, lá estava a Dr.<sup>a</sup> Shah, mentora e salvadora, exatamente como era nos tempos de licenciatura de Isma, com a exceção de algumas madeixas prateadas no cabelo curto e escuro. Vendo-a erguer a mão para lhe dar as boas-vindas, Isma compreendeu o que as pessoas de outros tempos deviam sentir ao saírem para o convés, quando, avistando o braço erguido da Estátua da Liberdade, percebiam que tinham conseguido, que ia tudo correr bem.

Enquanto tinha sensação nas mãos sem luvas, digitou uma mensagem no telefone: Cheguei bem. Sem problemas no controlo de segurança. Dr.<sup>a</sup> Shah está aqui. Tudo bem contigo?

A irmã respondeu: Ótimo, agora que já sei que passaste sem problemas, a tia Naseem pode parar de rezar e eu, deixar de andar de um lado para o outro.

Tudo bem mesmo?

Não te preocupes mais comigo. Vive a tua vida — é isso que quero.

O parque de estacionamento com carros grandes e confiantes; as avenidas amplas depois; as luzes acesas em todo o lado, a sua luminosidade multiplicada pelas superfícies refletoras do vidro e da neve. Ali havia presunção, certeza e — no dia de Ano Novo de 2015 — a promessa de novos começos.

\*

Isma acordou já com luz, vendo duas figuras saindo do céu e caindo em direção a ela, cor luminosa avolumando-se sobre as suas cabeças.